A construção do leitor em sites jornalísticos: aberturas, regulações e silenciamentos

Micael Vier Behs
Universidade do Vale do Rio dos Sinos

Palavras-chave: circulação; contrato de leitura; interação.

RESUMO EXPANDIDO

Ao dissertar sobre o que intitula de "a revolução do acesso", o semiólogo argentino Eliseo Verón (2013, p. 279) analisa os efeitos da rede enquanto lugar gerador de profundas transformações nas relações entre os atores individuais e os fenômenos midiáticos. De fato, se até os primeiros anos da virada do século o leitor constituía-se enquanto um personagem inexplícito e silencioso, orientado por trilhas de leitura predeterminadas por "contratos de leitura" orientados pelo polo produtivo, o alargamento dos dispositivos comunicacionais dispostos em rede redefiniu os vínculos interativos entre os *media* e os seus utilizadores, relegados à condição de co-gestores enunciativos dotados de autonomia – embora relativa – para operar as tecnologias de informação.

Nestes termos, a arquitetura informacional que configura a "sociedade em vias de midiatização" (FAUSTO NETO, 2006) redefiniu os protocolos que até então regularam os elos interativos entre produtores e atores individuais, ampliando as possibilidades de contato entre essas duas instâncias historicamente distanciadas por diretrizes regulatórias controladas pelo campo dos *media*, a exemplo das tradicionais "cartas do leitor", espaço no qual "o jornal explicitava a sua vocação mediadora e, ao mesmo tempo, buscava a consolidação do acesso do leitor à realidade das mídias" (FAUSTO NETO, 2013, p. 4).

Levando em consideração a emergência de uma ambiência midiática em que os trabalhos de produção e recepção encontram-se cada vez mais imbricados, fazendo por vezes confundir essas duas instâncias, o problema que circunscreve a escrita deste artigo está centrado em descrever os efeitos da comunicação gerida em rede na organização de protocolos que estruturam os elos de conectividade entre mídias noticiosas e utilizadores através do desenvolvimento de pesquisa de caráter teórico-empírico. Mais especificamente, a proposta do artigo é analisar de que forma sites jornalísticos constroem o seu leitor convocando-o à "interatividade seletiva", através do manuseio de determinados conteúdos, ou então à "interatividade comunicativa", possibilitando-o real protagonismo através da produção de conteúdos que tensionam as produções noticiosas originais, seja no site, seja na rede social (ROST, 2014).

Segundo descreve Rost (2014, p. 57), a interatividade seletiva possibilitaria ao utilizador "fazer coisas" sobre os conteúdos ao longo do processo de recepção, enquanto a interatividade comunicativa transcenderia essa recepção individual, ofertando a possibilidade de o leitor produzir conteúdos que, fundidos à produção original dos *media* e tensionados pelas produções de outros leitores, permitiria a comunicação avançar sempre à frente através de sucessivos movimentos circulatórios.

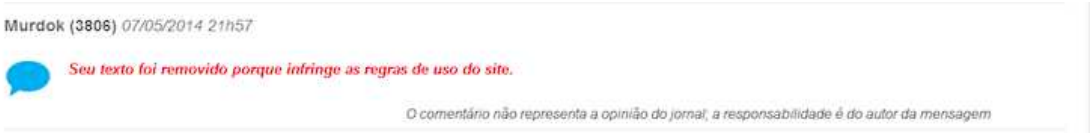
Colado ao conceito de interatividade, a análise proposta permitirá identificar marcas do "contrato de leitura" acionado pelos sites jornalísticos, termo que designa as "regras, estratégias e 'políticas' de sentidos que organizam os modos de vinculação entre as ofertas e a recepção dos discursos midiáticos e que se formalizam nas práticas textuais, como instâncias que constituem o ponto de vínculo entre produtores e usuários" (FAUSTO NETO, 2007, p. 10). Na perspectiva de Verón (2004), todo ato de leitura pressupõe uma ação pragmática de mobilização dos sentidos, não havendo uma correspondência direta entre os efeitos pretendidos pela produção e aqueles ressignificados em processos de recepção. Daí emergem também as problemáticas em torno das defasagens entre produção e recepção, explicitando a complexidade da construção de sentidos numa ambiência de fluxos circulatórios multidirecionais.

É preciso considerar que o campo receptor, convertido à condição de um co-gestor enunciativo no ambiente digital, também mobiliza uma multiplicidade de "gramáticas" "sobre as quais se fundariam seus próprios contratos ou com os quais manejariam o contrato em oferta" (FAUSTO NETO, 2007, p. 13). Essas múltiplas gramáticas, por sua vez, permitem transparecer dimensões situacionais e simbólicas mobilizadas pelos atores sociais quando confrontados com as ofertas de sentido dadas a conhecer pelo campo da produção.

A título de hipótese, sugiro que os sites jornalísticos instauram modalidades interativas através do acionamento de estratégias distintas. Por um lado, consolidam a interatividade seletiva ao possibilitar a escolha de um repertório de possíveis ações que, predefinidas pela instância produtiva, permitem ao leitor "fazer coisas" em relação ao conteúdo: compartilhar as reportagens em diferentes redes sociais, ouvir o texto, enviar por e-mail, copiar a url curta, imprimir as notícias, cadastrar-se a um leitor de feed de notícias, além de escolher o tamanho da fonte para a visualização dos materiais. Todas essas modalidades interativas, no entanto, não pressupõe o estabelecimento de elos conversacionais entre produção e recepção.

Por outro lado, o leitor é convidado a ingressar às lógicas de produção através da possibilidade de comentar os materiais publicados, situação que o reportaria à condição de um co-gestor enunciativo nos termos aqui propostos. No entanto, esse "ingresso" do leitor à órbita produtiva é delimitado por uma série de protocolos – ser assinante dos sites e concordar com uma série de termos de condições de uso – que, mesmo quando transpostos, ainda assim não configuram efetivos vínculos interacionais entre os dispositivos e o seus utilizadores/comentadores. Embora os sites se coloquem numa suposta posição de escuta da recepção, não há uma devolutiva por parte do campo jornalístico que, mesmo quando diretamente interpelado através das seções de comentários, mantém-se numa posição de silenciamento. Essa situação gera impasses entre o campo jornalístico e os atores sociais considerando que, num cenário em que o silêncio de uma das partes se instala, torna-se impossível estabelecer qualquer movimento conversacional na perspectiva de resolver o problema posto e alargar a comunicação. Ao silenciar, o que fazem os dispositivos jornalísticos é suspender uma parte das interlocuções possíveis, na medida em que as trocas passam a estar restritas ao processo interacional entre os próprios comentadores, eliminando a possibilidade de interação entre comentadores e jornalistas.

Além disso, os protocolos de uso associados aos dispositivos, em sua maioria, censuram comentários que, em tese, violem os termos e condições de uso do espaço. Verifica-se, nestes casos, um trabalho de regulação engendrado pelo campo jornalístico que, apesar de não tomar os comentários como insumo para mobilizar o alargamento dos sentidos e das interações, explicita os tensionamentos derivativos desses espaços ao impedir a visualização de certos comentários, a exemplo do que faz o site *Folha.com*, como pode ser constatado no exemplo abaixo.



Na realidade, o que faz o dispositivo ao acionar a sua vocação coercitiva é tentar reduzir a defasagem entre os efeitos de sentidos preconizados pela produção e os múltiplos efeitos mobilizadas pelos indivíduos em seu processo interpretativo, via recepção. Esse movimento, contudo, não é gerido através de um esforço de troca e interação de discursos, o que desencadearia um embate interminável entre as retóricas produtivas e de recepção via seções de comentários, mas sim através de um processo de

supressão da mensagem que irrita o sistema. É preciso considerar, contudo, que o simples fato de se constatar uma série de mensagens "eliminadas" do espaço enunciativo controlado pela instância jornalística revela um esforço de leitura e avaliação deste material pelos peritos do campo dos *media*. Em outras palavras, se poderia afirmar que o campo jornalístico produz as condições de acesso ao seu sistema, mas não gera as condições de produção de sentido, regulando permanentemente o acesso com base nos seus termos e condições de uso, espécie de "pedágio" a ser aceito pelo leitor quando revestido da autonomia – relativa – de também produzir discursos em rede.

Por outro lado, é preciso destacar que embora os sites analisados não cedam lugar à interlocução com os seus leitores, mesmo nos casos em estes interpelam explicitamente o sistema, o campo jornalístico resgata para dentro da sua narrativa excertos midiáticos produzidos por atores sociais em outros espaços enunciativos, estabelecendo construções correferenciais promovidas pela potencialidade da circulação em rede. Nesse sentido, os meios jornalísticos apropriam-se de discursos, materializados em outros meios, como condição para legitimar o avanço do seu processo de noticiabilidade. Em meio a esses processos que, muito antes de serem definidos pelas teorias das redes, são definidos pela teoria da interdiscursividade, o campo jornalístico reedita os materiais e os converte em objetos dinamizados pelas suas próprias práticas produtivas (FAUSTO NETO, s/d)[7].

Embora neste resumo expandido os objetos não tenham sido explicitados, a análise estará centrada nas estratégias de contato dos sites *Folha.com* e *Globo.com* junto ao seu conjunto de leitores, considerando a abrangência destes espaços jornalísticos e a minha relação de leitor/pesquisador junto a eles. O desafio que se coloca, no entanto, é identificar um *corpus* de materiais capazes de explicar as complexas relações descritas acima, dinamizando a escrita do artigo e oferecendo a ele uma perspectiva teórico-empírica.

Referências

FAUSTO NETO, Antônio; SGORLA, Fabiane. **Zona em construção**: acesso e mobilidade da recepção na ambiência jornalística. Salvador: Compós, 2013.

FAUSTO NETO, Antônio. **Enunciação, auto-referencialidade e incompletude**. Revista Famecos. Porto Alegre, 2007.

[7] Formulação extraída de conversa com o professor em torno da problemática apresentada.

FAUSTO NETO, Antônio. **Midiatização, prática social – prática de sentido**. Trabalho apresentado no encontro da Rede Prosul – Comunicação, Sociedade e Sentido, no seminário sobre Midiatização, UNISINOS, PPGCC, São Leopoldo, 2005.

VERÓN, Eliseo. **La semioses social, 2**: ideas, momentos, interpretantes. 1 ed. – Ciudad Autónoma de Buenos Aires: Paidós, 2013.

VERÓN, Eliseo. **Fragmentos de um tecido**. São Leopoldo: EDITORA UNISINOS , 2004.

ROST, Alejandro. Interatividade: definições, estudos e tendências. In: **Webjornalismo**: sete características que fazem a diferença. Covilhã: UBI, 2014.